 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 040. Fronteiras, saúde, gênero e sexualidade: conexões, deslocamentos e alteridades corporais, espaciais, temporais

Guilherme Rodrigues Passamani (UFMS) - Coordenador/a, José Miguel Nieto Olivar (Faculdade de Saúde Pública USP) - Coordenador/a

O GT visa aglutinar pesquisas que reflitam sobre fronteira, sa?de, g?nero e sexualidade a partir de contextos espaciais, temporais ou corporais imaginados como marginais, fronteiri?os ou minorit?rios, ou que remetam a problematiza?es, conex?es laterais ou transforma?es acerca de centros ou arranjos majorit?rios. Nesse marco relacional, interessa pensar as experi?ncias de sujeitos e grupos sociais a partir da intersec??o com outras categorias de diferencia??o: etnia, regi?o/proced?ncia, gera??o, classe, escolariza??o, orienta??o sexual, religi?o, ra?a/cor. Estamos atentos, tamb?m, a quest?es como tr?nsitos, deslocamentos, circula??o, fluxos migrat?rios e processos de (des/re)territorializa??o e fronteiriza??o, relacionados com agenciamentos de sa?de, de g?nero e sexualidade. Al?m de pesquisas sobre "mobilidades", s?o bem-vindas pesquisas que abarquem a constru??o social do desejo, do cuidado, do adoecimento e do g?nero em ?outros geogr?ficos?, ?entre-cidades?, "zonas? e contextos rurais, priorizando aqueles lugares que est?o atravessados pela sua nomea??o como fronteiras, margens ou periferias. O GT tem o intuito de melhor compreender as multiplicidades de formas e sentidos da sa?de (processos de adoecimento, cuidado e morte), do g?nero e da sexualidade, em articula??o com processos territoriais "menores".

?Cidade pequena não dá pra travesti, é só fumo?: o ambiente urbano e a performatização da identidade travesti

Autoria: Pedro Henrique Azevedo da Silva Paiva, Elcimar Dantas Pereira

Com expectativa de vida de 35 anos de idade, residindo no país com os maiores índices de mortes motivadas por transfobia no mundo e com a prostituição sendo a principal atividade remunerativa para cerca de 90% das travestis, estas performatizam suas identidades no território brasileiro. A partir da pesquisa de campo etnográfica realizada com quatro travestis entre julho de 2015 e setembro de 2017, nos moldes da antropologia social com base na observação participante, refletimos como o ambiente urbano influencia na performance identitária das travestis na cidade de Mossoró/RN. Tendo por base as concepções sociológicas de urbanidade (SIMMEL, 1967; WIRTH, 1967) atreladas à ideia de indiferença e de antipatia para/com o/a outro/a, de liberdade como essencial, de solidão e de um lugar cujos indivíduos são socialmente heterogêneos, bem como entendendo que é através das relações sociais do cotidiano que se faz a cidade estudada pela antropologia (AGIER, 2011), é que as travestis se situam e demarcam um território citadino cuja sua travestilidade é performatizada, ou seja, concomitantemente elas ?se fazem? na e fazem a cidade, ocupam e constroem uma territorialidade ao mesmo tempo em que delineiam suas identidades. É no ambiente urbano que as travestis veem mais alternativas, através de uma gama de oportunidades mais ampla que a cidade propicia, de construírem seus corpos, suas performances, seus deslocamentos, suas redes de sociabilidade com outras travestis e, sobretudo de conseguirem elencar/concretizar objetivos no plano das relações afetivas e da estabilidade financeira. A afirmação de Paola, uma das interlocutoras, quando diz que a ?cidade pequena não dá pra travesti, é só fumo? (fumo, no pajubá, significa armadilha, uma cilada, é insistir em algo que não dar certo) fortalece intensamente a associação de travestilidade com a urbanidade e desse encontro germinam Projetos (VELHO, 1981) que intersecionam a prostituição e a afetividade, pois quando as travestis falam em oportunidades na cidade diz respeito principalmente ao work e este é, no caso delas, atrelado ainda veemente à prostituição, contudo, outros projetos surgem sob o prisma da inserção social das travestis na contemporaneidade, oportunizando outras mobilidades. As

 ISBN: 978-85-87942-61-6

travestis significam e simbolizam a cidade - em seus lugares, fluxos e ritmos - enquanto localidade do urbano que territorialmente tem influência protuberante em suas performances. No entanto, é através da ideia de que há uma fluidez e descentramento da performance identitária travesti, que esta pode ser experienciada em qualquer localidade cujas pessoas reivindiquem tal identidade sem ter que corresponder a todo o conjunto de signos e símbolos sociais que essa performance pressupunha em territórios entendidos como hegemônicos.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**